

OR DI ( $\approx$ ) A' RE A

Fabíola Marques Ferigato

# **o r d i ( n ) á r e a**

Trabalho de conclusão de curso de Teoria, Crítica e História da  
Arte do Departamento de Artes Visuais do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília – UnB.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Karina e Silva Dias

Brasília, DF, 2017



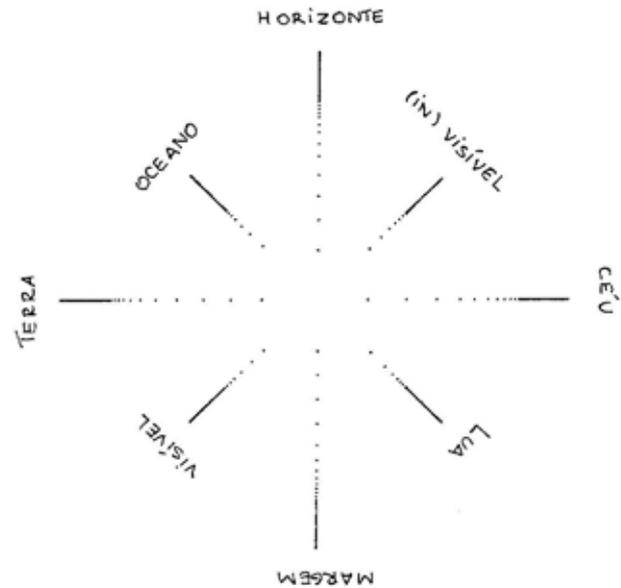
Todos os desenhos presentes nesta obra são de minha autoria.



Gratidão imensa como o céu de Brasília à professora e rosa-dos-ventos Karina Dias, por me colocar a paisagem no olhar de forma tão generosa e delicada. À minha irmã, Arícia, navegadora experiente, pelos conselhos na elaboração de minhas rotas. Ao meu pai, Silvio, e ao meu irmão, Claudius, pela dedicação e apoio na concepção gráfica desta empreitada. Ao parceiro Daniel Violato, pelo amor alado e pela contribuição na Matemática Selvagem. À minha mãe, Mercedes, pela sensibilidade artística que sempre me toca. Ao meu filho, Angelo, pela compreensão e presença.

Dedico aos meus companheiros de jornada pelo curso de Teoria, Crítica e História da Arte, Cacau, Fabíola Caires, Cesar, Flavinha, Vevs e Yuri, com os quais tive a alegria de conviver e compartilhar descobertas, viagens e aprendizados ao longo dos nossos anos de formação.





relato de viagem, ciências inventadas  
uma investigação poética sobre as áreas vazias na paisagem urbana



S 15°50'573" W 47°55'538"



Nada à vista

Olhar fixo na estrada.

Trajetos diários entre a residência e o local de trabalho, aproximadamente 20 quilômetros. Estrada que corta uma região plana, com pouca vegetação e construções esparsas. Arquitetos e urbanistas a chamam de *hiato urbano*. Interstício que separa, mas também conecta, como as sílabas na palavra, os cheios e os vazios da cidade. Espaço da rotina, que, por se supor muito bem conhecido, após tantos anos de idas e vindas, acaba abandonado à margem dos sentidos. Ponto cego fora do enquadramento do olhar. A mecânica irrefletida da condução de um automóvel, a pressa do horário a cumprir: conjunto de gestos sem surpresas. Como despertar? Há possibilidade de retornar, mesmo que por um átimo, a um tempo de lentidão e escapar do totalitarismo da racionalidade que entorpece pelo excesso os nossos sentidos?

*“A força é dos lentos, e não dos que detêm a velocidade (...).”  
Milton Santos (1999. p. 260)*



It

A

To







Mãos no volante, olhar atento à estrada, automóvel em movimento. A alta velocidade e o trânsito intenso não permitem que se tire os olhos da estrada por pouco mais que alguns segundos. Um dia, numa das idas, um segundo de insubordinação: o olhar saltou da estrada e enquadrou o vazio presente no hiato entre as duas porções de cidade. Um vazio que, até aquele momento, jamais havia despertado atenção e que só podia ser pressentido. Entrava pelo canto esquerdo do olho no trajeto de ida, e pelo canto direito do olho no trajeto de volta.

*“Movimento mínimo, revolução máxima.”*  
*Karina Dias, inspirada nas palavras do*  
*artista Jorge Macchi (2010. p. 113).*

Exceto a margem e a linha do horizonte, nada havia naquele vazio que o raio retilíneo do olhar pudesse atingir. Quando nada interrompe nosso olhar, ele alcança grandes distâncias. Se não se choca com algo, nada vê; só vê aquilo com o que se choca: o obstáculo: tijolos, um ângulo, um ponto de fuga. (PEREC, 2001. p. 123). As extremidades sugeriam uma forma circular, da qual também não se poderia ter certeza, já que sua porção interior não se dava a ver. Atravessar não era possível, apenas navegar ao redor.







O caminho onde a rotina se assenta. O espaço à sua volta domesticado de tal forma que jamais nos perguntamos onde estamos: acreditamos ter consciência de nossa localização, a menos que sejamos lançados em terras estrangeiras.



Olhar e nada ver.

Vazio que interrompe a superfície do ver.  
Fresta.

O caminho domesticado tornou-se selvagem e, embora estivesse no mesmo lugar de todos os dias, de repente, eu não sabia mais onde estava. Estava em lugares interiores. No planeta ermo de outra galáxia. No mundo desconhecido de outra dimensão. Nas páginas dos livros de Isaac Asimov. Nos delírios de H. P. Lovecraft.

Espaço que não se dá.

Tentativas diárias de arrastar para a margem porções maiores de visão. Olhar insistente como uma rede de pesca que retorna quantidades cada vez maiores de algo que se estende entre a margem e o horizonte, algo que não se pode saber o que é. Talvez a alta velocidade da estrada, ou o pouco tempo disponível para o vagar, impedisse o apuro da visão. Repetição do gesto, movimento mínimo: quanto mais o olhar se força a penetrar na fresta menos se distingue os pormenores daquela área. Apenas a porção mais próxima do olhar, a margem, e a mais distante, o horizonte, se deixam atingir. Entre um e outro, a superfície que se evapora.

Flerte diário. Curiosidade. Bisbilhotice. Quando a fresta se apresenta como uma superfície plana. Vazio cheio de céu. “A planície cerca o homem de silêncio e de melancolia. Solo e vegetação, céu de inverno, a feição local e familiar da Terra com suas distâncias e suas direções (...)”. (DARDEL, 2011. p. 30)

Por que, ao invés de se dissipar pelo enquadramento do olhar, a imprecisão do vazio aumenta na medida em que se tenta olhar para dentro dele? Que relações se estabelecem ali entre a margem e o horizonte?

Ali, naqueles breves segundos diários, rente àquele vazio deixado entre um lugar e outro, já não era mais eu: era uma outra.

*“O geógrafo que mede e calcula vem atrás: à sua frente há um homem a quem se descobre a ‘face da Terra’; há o navegante vigiando as novas terras, o explorador na mata, o pioneiro, o imigrante, ou simplesmente o homem tomado por um movimento insólito da Terra, tempestade, erupção, enchente. Há uma visão primitiva da Terra que o saber, em seguida, vem ajustar. (...) o homem é agenciado pelo ambiente geográfico: ele sofre a influência do clima, do relevo, do meio vegetal. Ele é montanhês na montanha, nômade na estepe, terrestre ou marinho. A natureza geográfica o lança sobre si mesmo, dá forma a seus hábitos, suas ideias, às vezes a seus aspectos somáticos”. (DARDEL, 2011. p. 7, 9).*

Navegante, cientista, astronauta.

Este é o espírito que inicia e permeia este estudo-invenção.



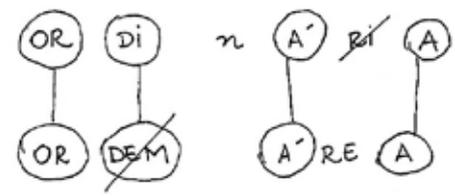
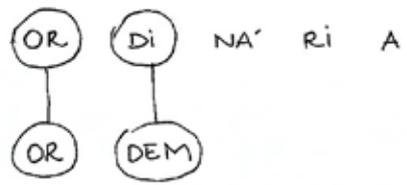


Mirar um alvo que não existe  
Apontar o raio retilíneo do olhar  
Esperar que ele encontre o que atingir

Esquadrinhamentos  
Superfície. Faixa de terra. Nem espaço, nem lugar: *área*  
Pela sua notória banalidade: *ordinária*.

Elencar. Alinhar. Cortar.  
Desmontar. Remontar.  
Significantes e significados.





OR Di (≈) A' RE A

ordi(n)área: área (in)visível dentro do ordinário.

*ordi*: de acordo com o costume; habitual; repetido seguidamente.

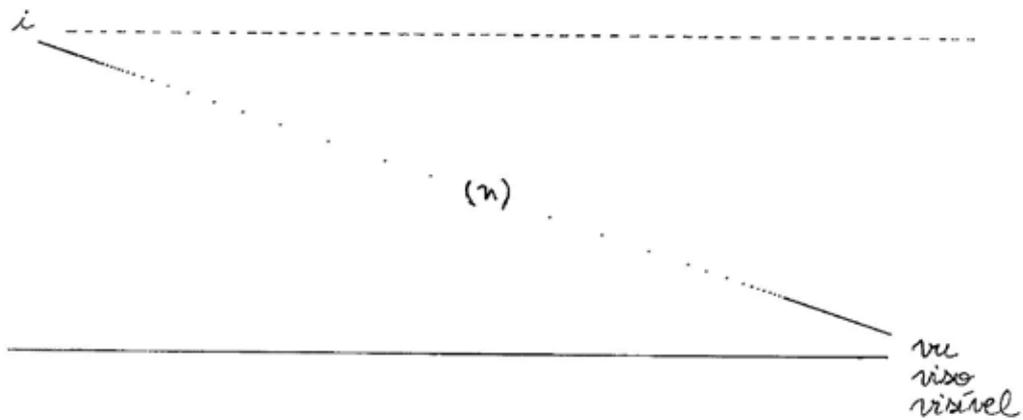
*n*: grandeza ou valor desconhecido que se deve determinar na solução de um problema ou de uma equação.

*área*: superfície plana com limites espaciais mais ou menos circunscritos e extensão indefinida.

(*n*): entre a ordem, o habitual, onde se dá a rotina banalizada; o não visto entre o que é visto; ponto-cego; o selvagem, não domesticável.

*invu*, o *n[ã]o-visto*, que acompanha todo movimento do olhar (...) em todo visível há um *in-visível*, em todo visto um “*ainda-não-visto*” e em cada olhar portado, em cada visão, uma *invisão*, uma *ressonância interna* que entra em cena e se revela como um *campo inesgotável a ser explorado*.

*Karina Dias (2015. p. 115).*



## O que não é

Lugares tem identidade, ou guardam a memória de algum fato em sua carne. Relacionam-se ao espaço assim como a palavra calada relaciona-se com a palavra falada. São repertoriados, classificados e promovidos a “lugares de memória” e por isso “nunca é completamente apagado.” (AUGÉ, 2004. p. 73, 74).

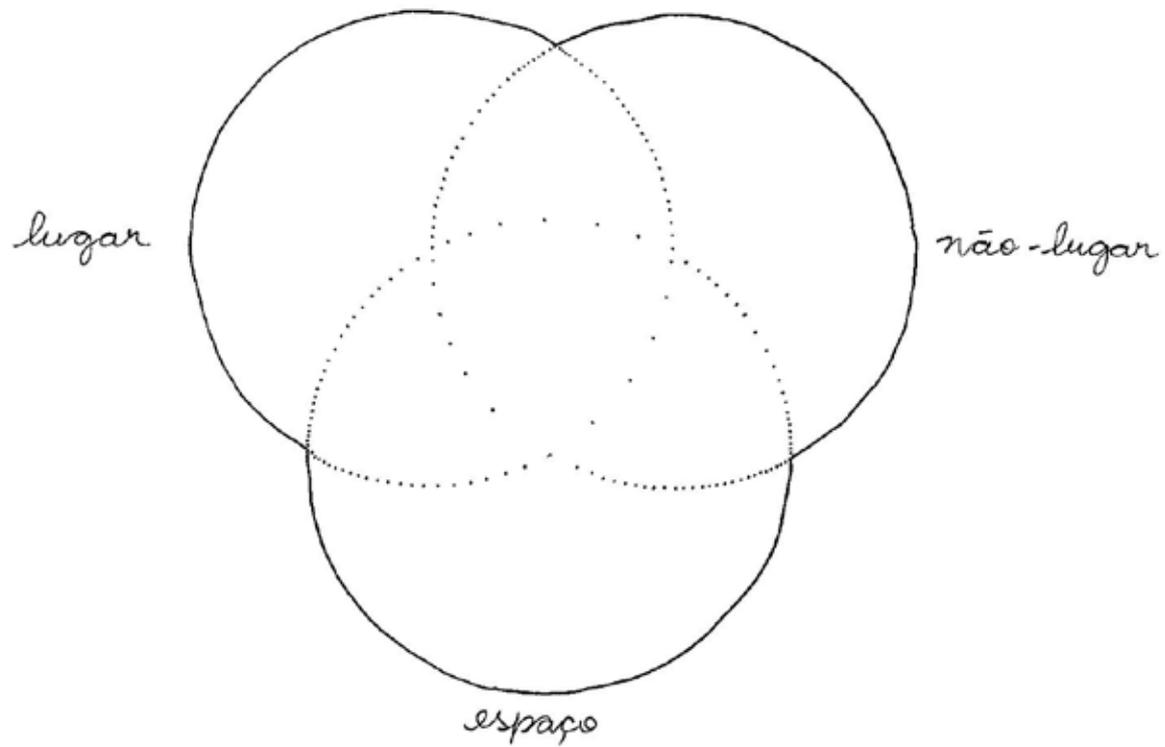
Não-lugares são “pontos de trânsito” ou “ocupações provisórias”, que nunca “se realizam totalmente –palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e da relação.” (AUGÉ, 2004. p. 74). Não-lugares “criam tensão solitária”, são “aqueles que tomamos emprestados quando rodamos na autoestrada, fazemos compras no supermercado ou esperamos num aeroporto (...) (idem. p. 87-88)”. Definem-se pelo uso que damos a eles. Lugares de passagem, mas nos quais permanecemos temporariamente.

Espaços são lugares praticados. Cruzamento de móveis. Lugares animados pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Relatos transformam lugares em espaços. É um conjunto de fixos e de fluxos. Conjunto indissociável, solidário e contraditório de sistemas de objetos e sistemas de ações – quadro único onde a história se dá. (CERTEAU, 1994. p. 202 - 203)

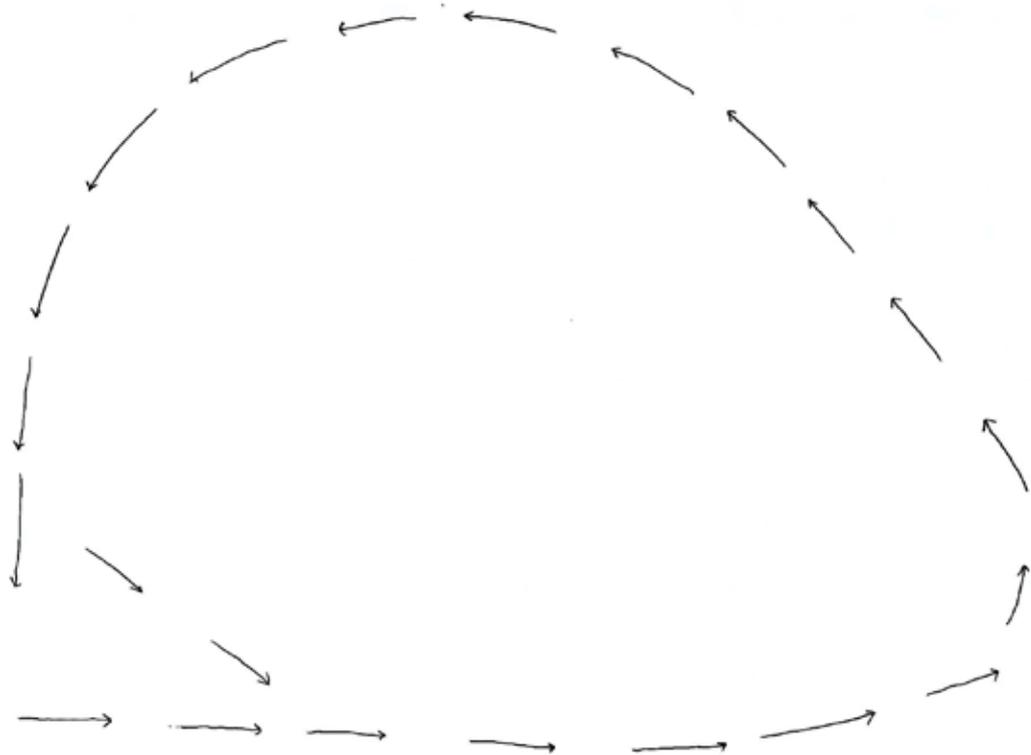
Não é um espaço  
Não é um não-lugar  
Não é um lugar

Não existe nada lá que indique que já houve algo diferente do que há agora. Não possui passado.

Não existe nada lá que indique que haverá algo diferente do que há agora. Não possui futuro.



Pequenas viagens empreendidas no cotidiano. Divagar através do olhar, do olhar através. As breves observações diárias daquela área ordinária da cidade demandavam cada vez mais um olhar científico sobre o banal. O vazio daquele intervalo entre um segmento e outro da cidade convidava ao desbravamento. As propriedades da área poderiam também interferir na dissolução do centro? Estaria diante de uma matéria com propriedades que afetavam o centro da área, tornando-o indefinido? Seria possível que o centro se dissipasse sob a ação de algum processo capaz de agir no raio retilíneo do olhar? O centro, conforme observado, não se dava a ver de nenhum ponto das margens, por mais que se contornasse toda a área. Seria também o centro capaz de se mover conforme o olhar se movia? Dadas estas primeiras observações, poderia falar em um adensamento de uma matéria translúcida num ponto central que se move na medida em que circundamos aquela área insólita?



Olhar de longe  
Olhar de fora  
Olhar do alto  
Olhar

Oceano visto da praia, a Lua vista da Terra, a Terra vista da Lua

Outras perspectivas

Não ir é ir a outro lugar

Preparativos para a expedição poético-científica (que não aconteceu)

Observar o (in)visível com a proximidade física necessária para torná-lo visível.

Descobrir novos enquadramentos.

Ser o ponto que vê a partir do centro.

Coletar dados de navegação.

Descobrir portos e rotas seguras.

Levantar equipamentos e equipagem.

Ermo.

Área em branco no mapa.

Como águas desconhecidas onde o inimaginável aguarda.

Submergir na massa (in)visível que se estende sobre a faixa de terra onde, a partir de suas margens, o (in)visível tornava-se cada vez mais denso.

Poderia meu corpo tornar-se também (in)visível? Proteção ou perigo?

Assombrosa perspectiva de ser tragada pelo (in)visível e tornar-me também (in)visível.

Monstros marinhos.

Levantar âncora! Içar velas! (...mas não)

Intempéries. Portos não localizados. Travessia arriscada. Imprevistos. Feridos.  
Novos planos. Novos entraves a cada nova solução. Mais dias de espera, mais planos,  
notas, traços, cadernos, dados, imagens, informações.

Nova tentativa.

TEMPESTADE

Fracasso

Lugar para onde se vai quando não se vai.

Ruas e avenidas das cidades. Fluxo intenso. Sem tempo, sem lentidão. Paisagem alhures para o olho embotado na pressa. Olhar reduzido a balizador espacial: evita que os corpos colidam entre si, indicam o caminho a seguir. Caminho cotidiano, feito e refeito durante anos, tão feito e refeito que se tornou familiar. Caminho tão bem conhecido que poderia ser percorrido “de olhos fechados”. “Estar imerso na visibilidade não significa enxergá-la e estar em contato direto com ela não significa percebê-la.” (DIAS, 2010. p. 115). Grandes cidades, ritmo turbulento. Detalhes, texturas, recortes, peculiaridades à margem do olhar. Excessos de cheios e vazios incômodos: buracos ainda não devorados pela especulação imobiliária.



Estudar rotas já percorridas  
Aprendizado que vem de navegadores experientes

LA PROPRIÉTÉ EST LE LEU  
DE PAYER  
SOYEZ SAGE

# Excursions & VISITES DADA

## DADA

### 1<sup>ère</sup> VISITE:

*Saint Julien le Pauvre*

JUIN DE AVRIL, X 2 h.

NEQUA-TUON DADA LE GARDIN DE L'ÉGLISE

Des Saint Julien le Pauvre

0000 11 000 00000000 000000

Les délices du passage à Paris veulent résoudre à l'incompréhension  
le guidé et de découvrir, souvent, nos idées d'inspiration - une  
série de visites à des endroits choisis, en particulier à ceux qui ont  
été visités par de célèbres écrivains. - C'est à cet effet qu'on invite sur le  
programme (Gyris - James de Sully), Théodore Monod (Mont  
Blanc) et la célèbre université de Marbourg. - Le passage n'est pas  
indiqué dans le livre. - Possibilité pour à cette première visite  
de se rendre compte des progrès réalisés, des observations possibles  
et de la nécessité de poursuivre notre action que nous réalisons à  
travers par nos les autres.

EN BAS LE BAS

LONG ET LONG NE

Sous la conduite de Gabriel Bover, Louis Accion, Aris  
André Besson, Paul Escalon, Th. Fournier, J. Hureau, Suzanne  
Lévy, Fernand Piccini, Georges Rostand-Dressand, Jacques  
Suzanne, Philippe Szwarcz, Tristan Tzara.

Les dates et heures des passages à Paris sont indiqués dans le guide DADA.

LAVEZ VOS SEINS  
COMME VOS GANTS

RENDRE  
TOUR  
LE CUL

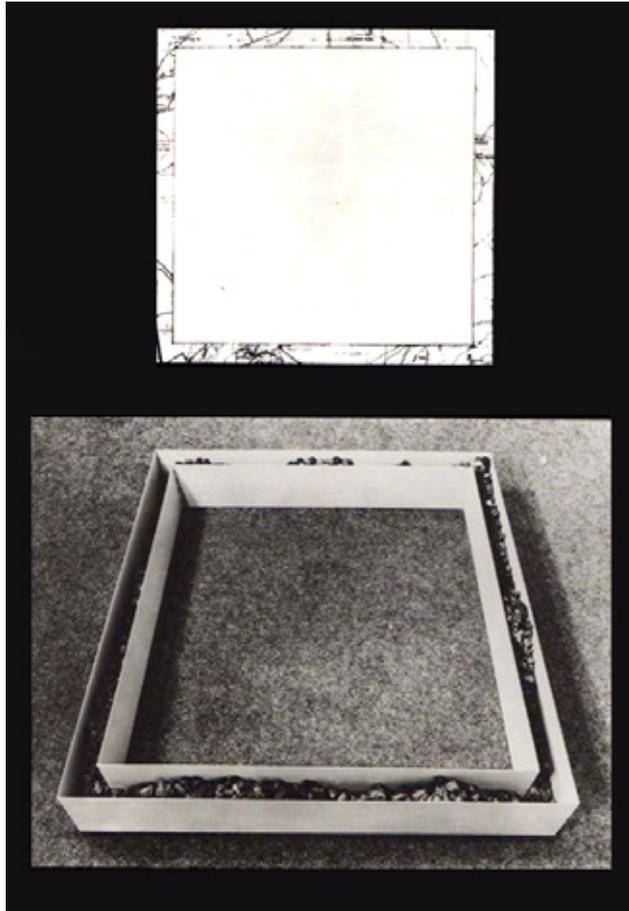
et  
pour  
DADA

DISTRIBUTION DE BAS DE SOIE A 5,85

*A* *Trieste France* Le théâtre des châteaux  
Grossier  
Bougeois  
Verlège  
voluptés changes  
Pleurs  
pipi aulet  
St Julien  
des Sibylles - Ciavant  
les dames en 2 mois  
mi  
zo  
ta  
le *Pauvre*  
Tous les percheurs et perche  
de cette bonne tenue un mois à l'usage  
Versez un flacon  
et  
en fera maigrir les morts  
DADA  
Amélioré sur à la liste  
House de Requin

Paris, 14 de abril de 1921, 15h. Dadá. A tempestade não intimidou a inauguração de uma série de excursões a lugares banais, espaços reais da vida cotidiana. Espaços vazios da cidade ganham valor estético: *ready-made* urbano. (CARERI, 2003. p. 71-75).

Lago Mono, Califórnia, 1968. Um antigo lago salgado, agora seco. Uma forma vazia, “a forma de uma borda – que não tem centro” – disse Robert Smithson ao contemplá-la – “esse descentramento é um modo de situar-se voluntariamente nas fronteiras dos mundos conhecidos, como nos mapas da Antiguidade e suas *Terrae incognitae*, deixando livre curso às especulações.” O mapa de *Mono Lake* recortado, restando apenas uma fina borda. Um receptáculo de forma correspondente, preenchido com materiais de depósitos vulcânicos provenientes do lago seco como pedras-pome e cinzas frias. (TIBERGHIEEN, 2013. p. 241)



*"Mono Lake". Robert Smithson, 1967*

*O Mensageiro era enaltecido com euforia –  
Que desenvoltura, que tranquilidade, que graça!  
É quanta seriedade! Era notável a sua sabedoria,  
Estava estampada na sua cara!*

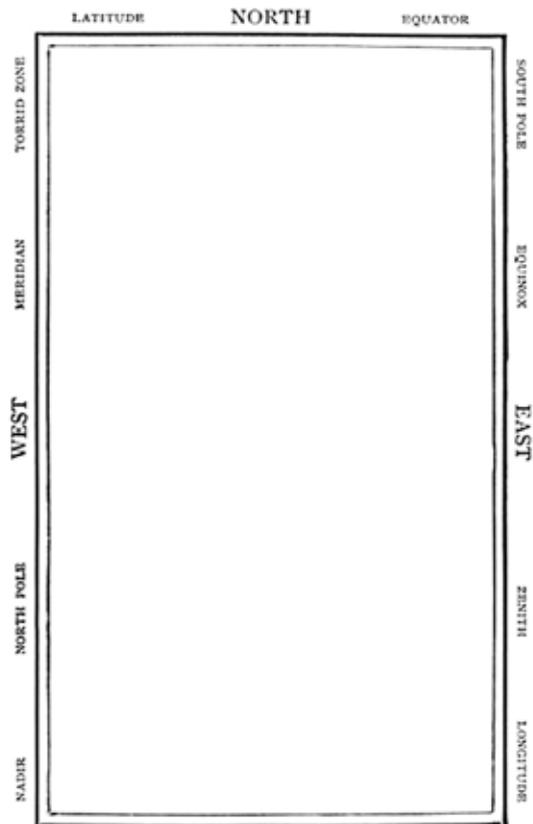
*Ele havia comprado um grande mapa do mar,  
Que de terra não se via um traço:  
E a tripulação ficou feliz ao constatar  
Que o decifraria com desembaraço.*

*“O que há de mais enganador na projeção de Mercator?  
O Equador, os Trópicos, as Zonas e linhas meridionais?  
O Mensageiro indagava: e a tripulação retrucava  
“É que são símbolos meramente convencionais!”*

*“Outros mapas são apenas formatos, com suas ilhas e cabos!  
Mas nós temos que agradecer ao nosso bravo Capitão:  
(a tripulação dizia) por ter nos trazido  
[o melhor do mercado –  
Um mapa do perfeito e completo vazio, de então!”*

*Fascinante informação; mas logo saberão, que insano,  
De que o Capitão a quem diziam sempre amém  
Fazia vaga ideia, portanto, de como cruzar o oceano,  
E esta era apenas sacudir seu sino muito bem.*

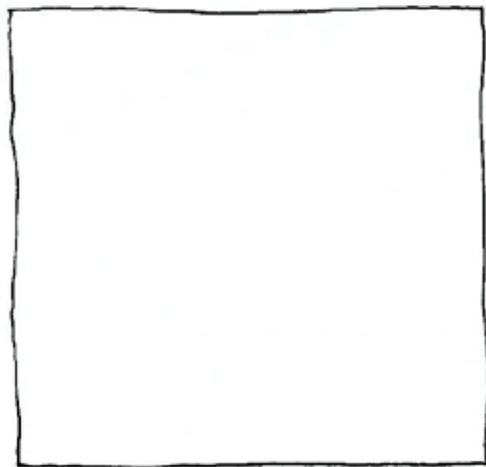
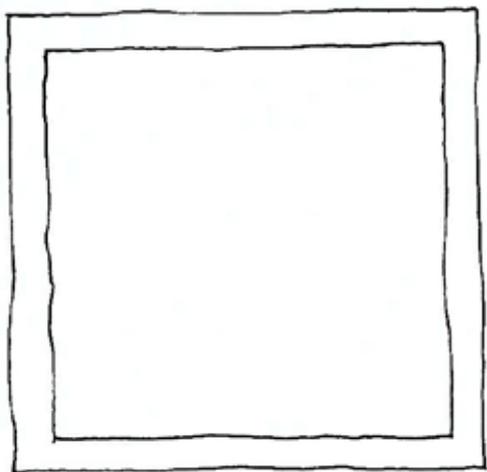
*(CARROLL, 2017. p. 23-24)*



Scale of Miles.

OCEAN-CHART.

*“Mapa do oceano”. A caça ao Snark. Ilustração de Henry Holiday, 1874.*



Passaic, Nova Jersey, 1967. Como um estudante do século XIX que partia em viagem pelo Velho Mundo para contemplar e aprender com suas ruínas, Robert Smithson toma um ônibus em direção à periferia daquela cidade. Partiu para registrar monumentos edificados dentro de um vazio monumental que se estendia entre os cheios da cidade.



*“As viagens são uma necessidade instintiva de busca e de experimentação da realidade do espaço que o circunda. Viagens com a mente por hipotéticos continentes desaparecidos, viagens dentro de mapas que se dobras (...).” (CARERI, 2003. p.142)*



*“Os mapas são, talvez, o meio mais evidente de nos colocar no papel, a nós e ao mundo. Não nos detivemos o suficiente no fato de que nossas representações têm como nos dizer, nos ditar, o que somos e onde estamos. Não estamos em parte alguma até que nossa localização seja identificada no mapa.”*  
David Olson(1997. p. 9)

Todo mapa é ficção, é da ordem da invenção: para além de sua finalidade, que é a de nos situar sobre a crosta terrestre, permite sonhar as distâncias, inventar aquilo que não se conhece; mover oceanos e continentes; ver o (in)visível. Tentativa parcial de dar conta do movimento e da memória do corpo que atravessa o mundo em sua materialidade. Forma plena do movimento do desejo e de memórias fantásticas. Da margem do mapa é onde imaginamos aquilo que não está no mapa. É onde as rotas podem ser sonhadas. É de onde vislumbramos a utopia que reside naquilo que não se completa ou não se define.

O mapa é, ao mesmo tempo, uma representação concreta e um pensamento abstrato. Produto de uma síntese da imaginação, um operador entre imagem e conceito. Representa aquilo que não pode ser representado.

Belo Horizonte, Minas Gerais, 2010-2011. Mayana Redin faz com que estreitos se depararem com canais. Leva bacias hidrográficas a abraçarem grandes desertos. Convida a foz do grande rio de Portugal para uma conversa com a foz do grande rio brasileiro. (Série *Geografia do Encontro*)



*“Estreito de Gibraltar encontra o Istmo do Panamá”*



*“Bacia Amazônica encontra Deserto do Saara”*



*“Foz do rio Tejo encontra foz do rio Amazonas”*

Veneza, Mosteiro de São Miguel Murano, século XVI. Fra Mauro – jamais tendo abandonado sua cela – cartografou todo o Velho Mundo a partir de relatos de viajantes e de outros mapas.



*Recuar à margem para acessar o mundo (...). Proximidade em demasia transforma-se em distância irremediável.*  
(MERLEAU-PONTY, 2014. p. 20)

(fui aonde o fracasso me levou)

O fracasso, como parte integrante da empreitada, demandou novos expedientes.

Mesmo que a ordi(n)ária continuasse (em parte) ao alcance da visão e dos pés, estes desistiram da materialidade do real para mergulhar nas águas da criação e da utopia. Estudo-invenção. Inventar um campo interdisciplinar para trabalhar com os dados não coletados na não-observação direta da ordi(n)ária

Desenhar uma memória para o corpo. Experimentar o espaço através das linhas percorridas com a ponta da caneta. Expedição sobre o plano bidimensional do papel.

Trabalho exequível em sua concepção quimérica. Teorias inventadas. Imaginação empírica.

Epistemologia do sonho de navegadora, cientista, astronauta.

## Novos expedientes

A experiência de Menipo, registrada por Luciano de Samósata, respaldou como seria realizado o sobrevoo ao (in)visível. No século III a. C., Menipo, cansado da diversidade de teorias sobre o Universo e a Natureza, empreendeu uma longa viagem espacial de natureza científico-filosófica, na qual pode observar com os próprios olhos a verdade sobre os astros e os fenômenos naturais. Munido de um par de asas fortemente atadas a seu corpo por correias – a asa direita de uma grande águia, e a asa esquerda de um forte abutre – partiu em direção ao céu. Após atravessar as nuvens e aproximar-se da Lua, notou que todas as coisas sobre a superfície da Terra eram muito pequenas e difíceis de identificar, o que lhe causou grande aborrecimento.

Foi o físico Empédocles (que passou a residir na Lua após uma incursão à cratera do Etna, da qual foi expelido por uma erupção e lançado ao espaço), que indicou a Menipo o método para tornar-se agudo da vista. Reparando que o viajante contava com uma asa de águia, único ser capaz de olhar diretamente para o Sol, recomendou-lhe que fechasse o olho esquerdo e utilizasse apenas o olho direito, que se relacionava com a asa direita e assim, teria a visão apurada da águia. A princípio, sem compreender a relação entre a asa e o olho, Menipo lembrou-se que os carpinteiros, ao alinharem a madeira com suas réguas, também fecham um dos

olhos para apurar a visão. E assim procedeu. Fechou o olho esquerdo, aquietou a asa esquerda e batendo apenas a direita, fixou a visão monocular sobre a superfície da Terra. Conseguiu então, com este método, distinguir com nitidez as cidades, as pessoas e suas ações.

Considerando a visão privilegiada que Menipo obteve em seu sobrevoo sobre as terras da Grécia, e, na impossibilidade de abarcar com a visão toda a extensão da ordi(n)ária, onde desejava observar o fenômeno do (in)visível, deduzi que, do alto, teria, além de uma visão ampla o suficiente sobre a ordi(n)ária, um novo ângulo permitiria penetrar nas fissuras do (in)visível.

Não dispondo de uma asa direita de águia com a qual eu pudesse aliar às qualidades do olhar, adotei como olho direito a lente monocular da câmera que sobrevoa a superfície da Terra e dela nos envia fotografias aéreas. A distância entre este olho e o chão certamente não permitiria a visão nítida de pormenores, mas, de acordo com as recomendações de Empédocles, seria necessário fechar o olho esquerdo para uma visão apurada.

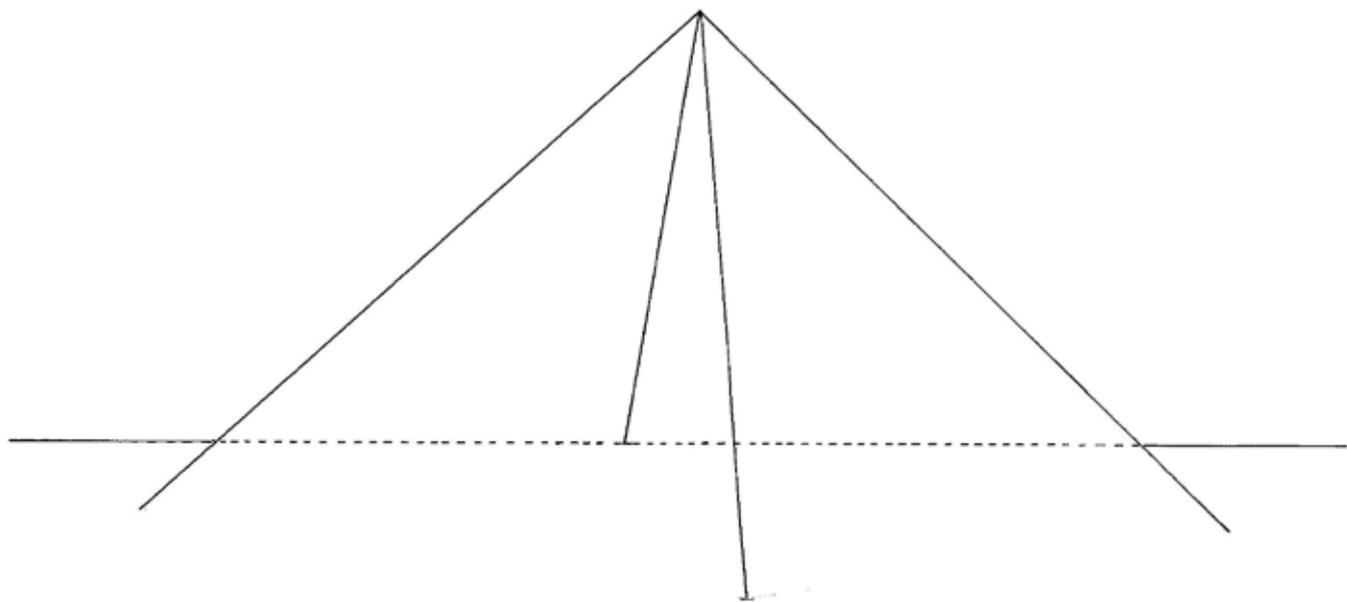
Outra experiência, a do cosmonauta soviético Iuri Gagarin, corrobora a escolha do ponto de vista do alto. Considera-se Gagarin o primeiro homem a ser lançado ao espaço nos tempos modernos, pois nesta época, o ano de 1961 d. C, a viagem de Menipo já havia sido

ofuscada pelas tecnologias de um mundo bastante diferente do vivido por ele. A bordo da primeira missão tripulada, na espaçonave Vostok 1, durante 108 minutos e a uma altura de 315 km, o cosmonauta deu uma volta completa em órbita ao redor do planeta. Ao contrário de Menipo, que se ateu aos pormenores da intimidade de seus concidadãos, Gagarin entregou seu olhar à cor que se deu a ver: o azul.

Diante destas experiências verticais, destes olhares privilegiados, longe da Terra, adotei definitivamente a visão no alto. Ser um ponto que vê, sobrevoar o (in)visível.

Partindo desta nova perspectiva, naveguei por outras possibilidades de se analisar o (in)visível entre a margem e o horizonte da ordi(n)ária.





Considerarei o que disse um outro filósofo: para aprender a ver, é preciso esquecer tudo o que se sabe sobre as coisas e deixar que “as próprias coisas, do fundo de seu silêncio”, conduzam nosso aprendizado sobre elas (MERLEAU-PONTY, 2014). Busquei não saber nada mais a respeito do (in)visível e esquecer as poucas coisas que eu julgava esclarecidas sobre ele ou sobre a ordi(*n*)área. Olhando do alto, como Menipo ou Gagarin, aguardei que o (in)visível se pronunciasse em sua quietude, que suas propriedades quiméricas surgissem no espaço da criação a partir daquele outro ângulo.

Fechando o olho esquerdo e apurando o foco do olho direito, passei à análise das fotografias aéreas sem nada mais saber sobre a ordi(*n*)área, exceto que, de suas margens, via o horizonte, mas não seu centro, o *n* permanecendo como incógnita.

A expedição talvez tenha sido frustrada por um excesso de “fé perceptiva” (MERLEAU-PONTY, 2014) no que tinha sido visto a respeito da ordi(*n*)área. Ao abandonar o pouco que sabia, surgiram novas possibilidades exploratórias.

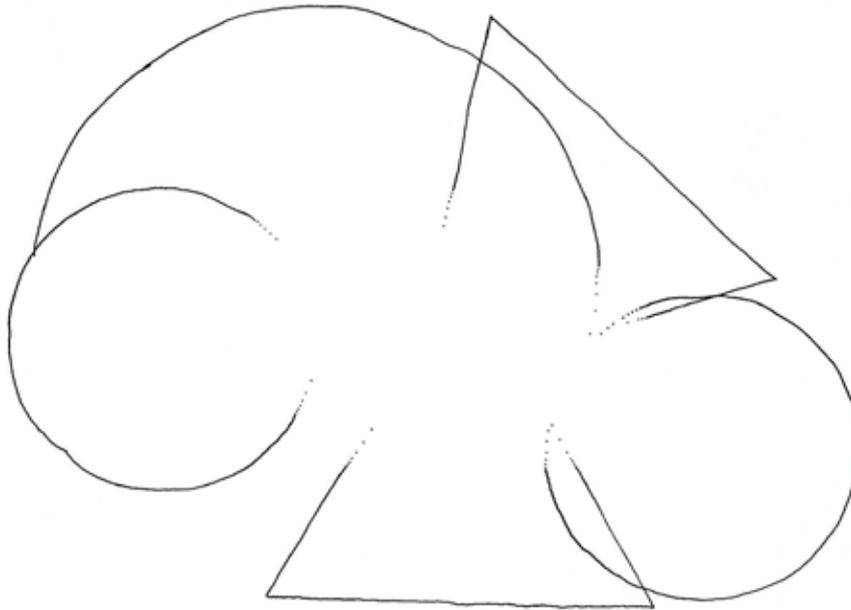
As propriedades quiméricas puderam ser apreendidas com clareza, uma vez que estas se criavam no encontro entre uma exterioridade que não se dá a ver e uma interioridade na qual viagens espaciais e aventuras náuticas habitavam.

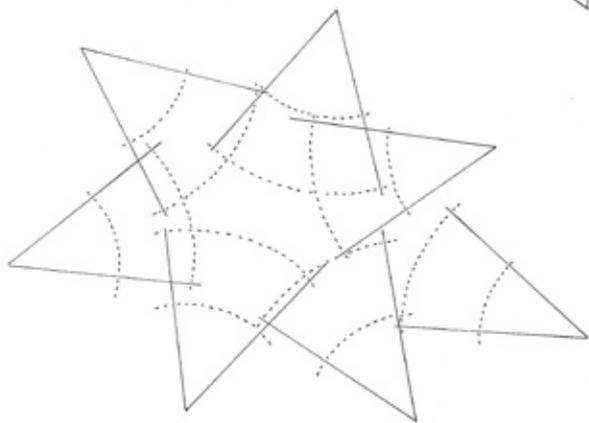
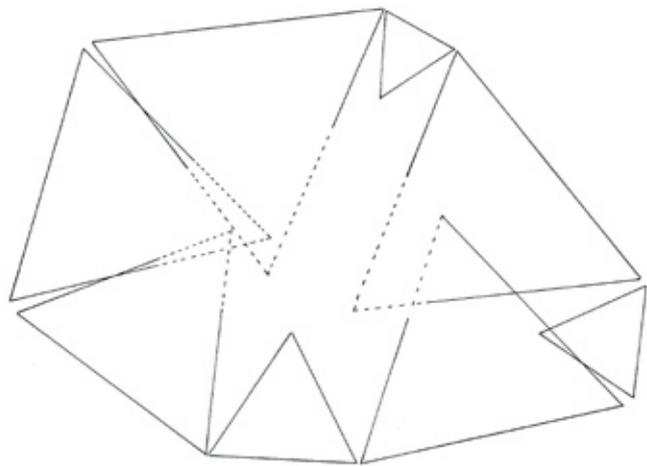
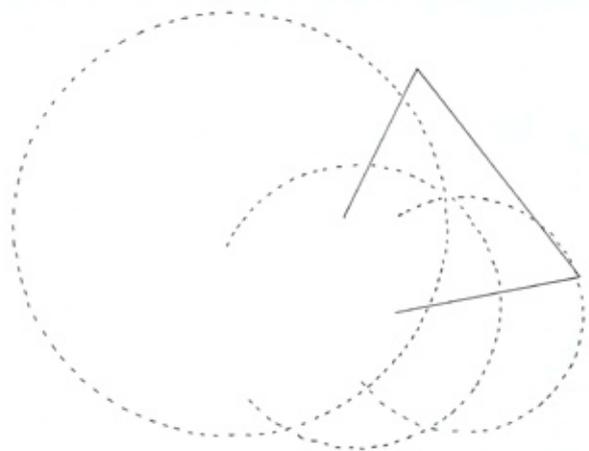
Aferições da imaginação empírica experimentando teorias inventadas: estudo-invenção das propriedades quiméricas do (in)visível observado entre a margem e o horizonte da ordi(*n*)área.

A seguir, o registro de como se deu o tratamento dos dados coletados com o olho direito sobre as fotografias aéreas.

## Contribuições da Geometria Incerta

Dividiu-se a ordi( $n$ )área em sub ordi( $n$ )áreas. Estas, por sua vez, foram geometrizadas de acordo com os princípios da Geometria Incerta: em círculos, retângulos ou triângulos equiláteros, de modo que estes acompanhassem a forma sugerida por cada sub ordi( $n$ )área. De cada uma destas formas foi determinado o centro, e, com a determinação de todos os centros possíveis, procurou-se estabelecer um centro comum. Os cálculos revelaram o descentramento, ou seja, o centro é inexistente. Talvez por estar imerso no (in)visível.

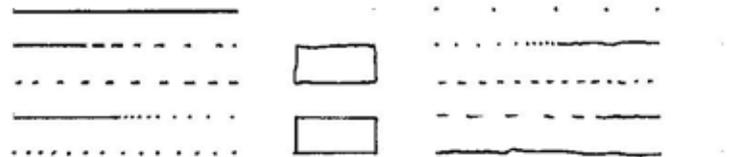




## Contribuições da Cartografia de Rotas Vagas

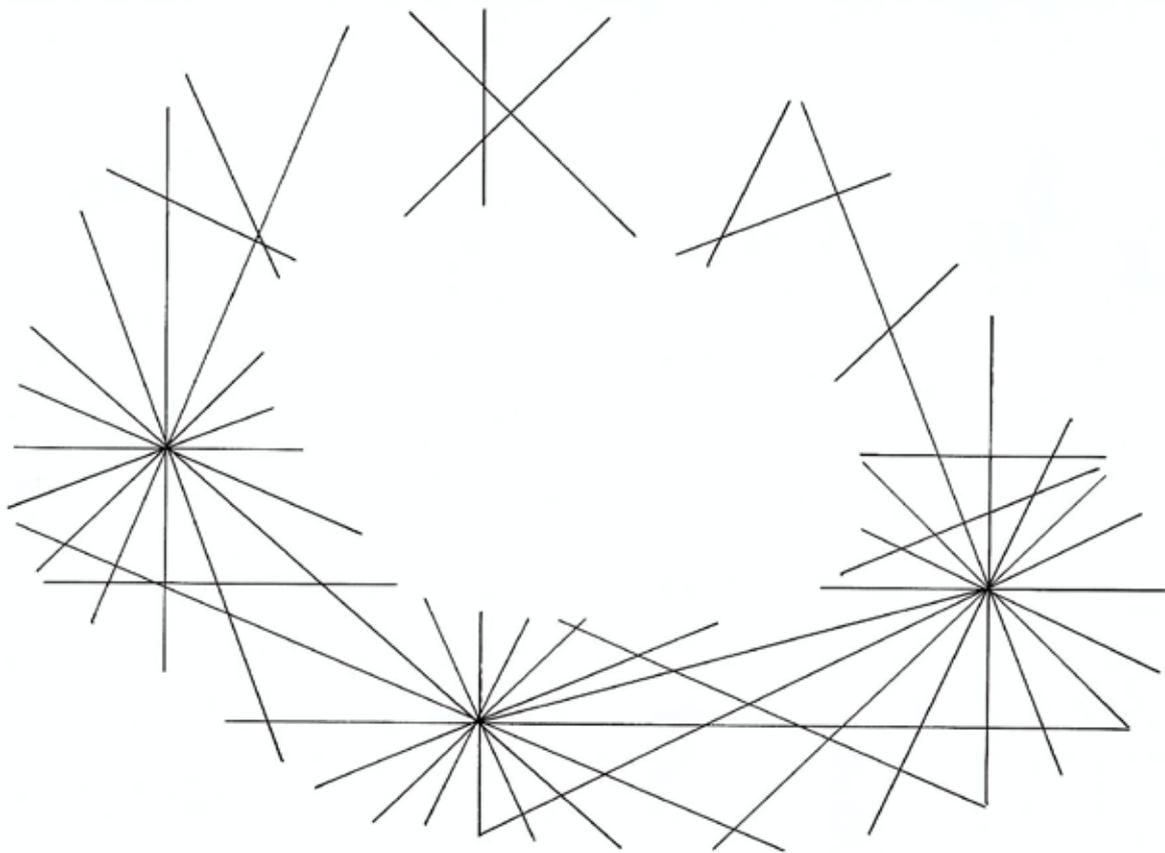
O mapeamento da ordi(n)ária levou em consideração suas porções de não-visto. Foi adotado um sistema de legendas para suprir a necessidade de se representar aquilo que não está no mapa. Isto é, legendas que contemplassem as variações de densidade do (in)visível e que dessem ao navegante uma noção exata de onde perder-se.

No espaço vazio, na evaporação da linha em pontos e na diluição da reta em tracejados é onde o navegante se perde e sonha outras rotas.



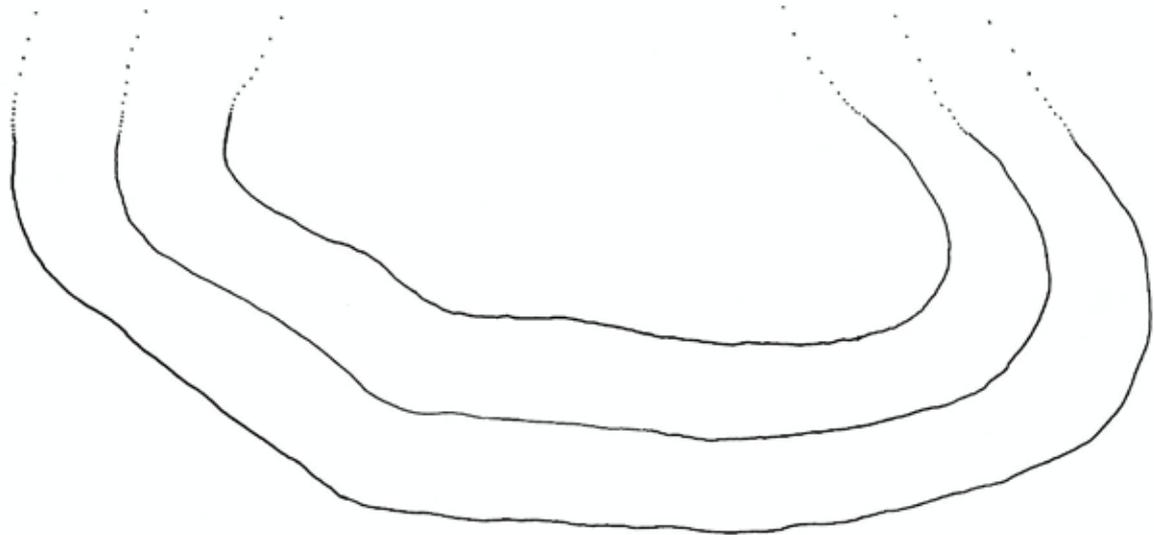
## Portulano

O sistema de rotas dos portulanos – as antigas cartas náuticas utilizadas desde o século XIII d. C. para fornecer as distâncias e direções aproximadas entres os portos europeus e africanos – serviram como importante referência na elaboração de rotas de navegação no interior da ordi(n)ária. Seu traçado, baseado nos princípios da Geometria Incerta, permite que o navegante se perca em diversas direções. Mostra a região onde o (in)visível se adensa, na qual as rotas podem ser livremente inventadas



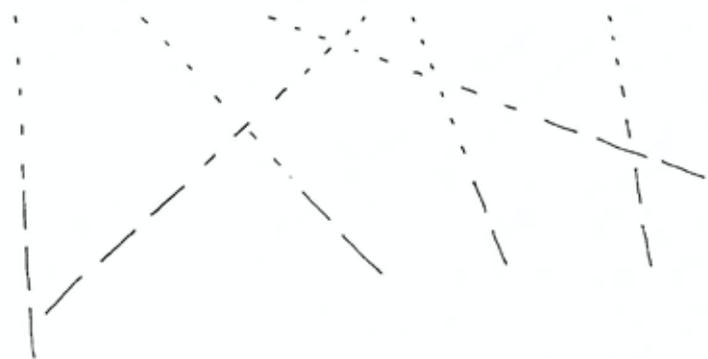
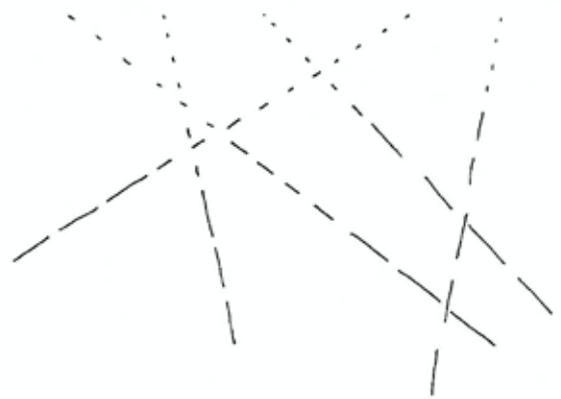
## Cabotagem

O sistema de cabotagem – navegação de curta distância que se realiza sem que se perca a costa de vista – também forneceu elementos para que se elaborasse uma representação da porção visível da ordi(n)ária. Este mapa auxilia o navegante a adentrar o (in)visível e a perder de vista a rota costumeira, de modo que não seja possível retomá-la



## Centros móveis

Pela Cartografia de Rotas Vagas, supõe-se que o preciso descentramento da ordi(n)ária faz com que um centro ilusório criado pelo observador mova-se na medida em que ele se move ou quando redireciona, em movimentos mínimos, o raio retilíneo do olhar. Como observado no experimento conhecido como *Shift*, do artista Richard Serra, os inúmeros centros “(...) se deslocam tanto na horizontal quanto verticalmente, em relação à locomoção de uma pessoa. Por causa disso, o centro, ou a questão da centralização, é deslocada do centro físico do trabalho e encontrada em um centro móvel. Tiremos o chapéu, Galileu.” (SERRA in COTRIN, 2006. p. 329)



## Contribuições da Óptica do Invisível

Com a ausência de um centro único, equidistante de todos os pontos da margem, surgiram inúmeros centros dispersos, modulados a partir do ponto de vista do observador. Assim, admitiu-se a possibilidade de que o (in)visível agisse como um prisma capaz de separar o raio retilíneo do olhar em diversos pontos, independentemente se visto do alto ou da horizontal.

Quando o olhar enquadra uma porção do visível, pode-se marcar um ponto de fuga através de uma linha. Este ponto parte dos olhos de quem vê e vai até o ponto mais distante que a visão alcança.

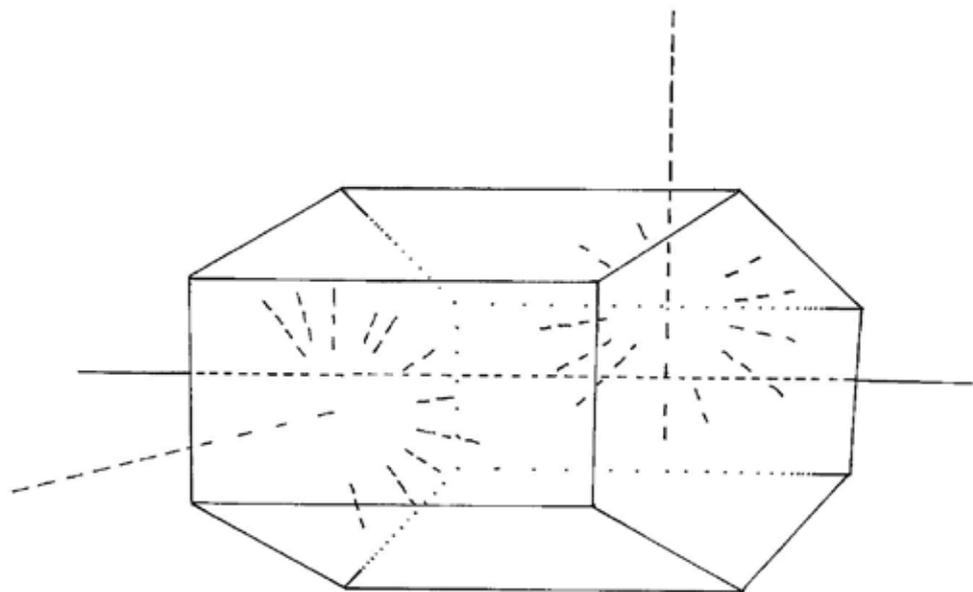
Vista horizontalmente, a ordi( $n$ )área apresenta tantos pontos de fuga quanto movimentos o olhar possa fazer enquanto percorre a linha do horizonte. Portanto, em qualquer direção que se olhe, a partir da margem, num campo de  $180^\circ$ , tem-se ao menos 180 centros diferentes.

Do alto, para qualquer área que se olhe, o raio retilíneo do olhar se divide ao redor do ponto em que se fixar, formando as sub ordi( $n$ )áreas identificáveis na primeira medição. Este fenômeno encontra comportamento semelhante ao do prisma dispersivo de Newton, um elemento ótico transparente, com superfícies retas e polidas, que separa a luz branca nas cores do espectro que

a compõe. Da mesma forma, ao atravessar uma das faces translúcidas do (in)visível, das quais margem e horizonte podem ser tomados como arestas (a parte visível), seja horizontalmente ou do alto, o raio retilíneo do olhar é separado em múltiplos centros que, unidos, compõe a visão do (in)visível dentro da ordi( $n$ )área.

Tomando o modelo newtoniano de prisma para a compreensão da dispersão do centro a partir de qualquer ponto de vista, pode-se também admitir que o (in)visível é composto por uma matéria translúcida que se adensa em direção ao seu interior. Olhando das margens, horizontalmente, após os 100 ou 200 primeiros metros entre esta e a linha do horizonte há um progressivo adensamento do (in)visível: só se distingue as formas nesta primeira porção e só se fará nova distinção na linha perpendicular ao raio retilíneo do olhar, linha de terra que corta o céu. Só se vê margem e horizonte. Entre um e outro, o visível evapora.

Esta observação demandou o cálculo da densidade do (in)visível na medida em que o olhar o atravessa e se aproxima do centro.



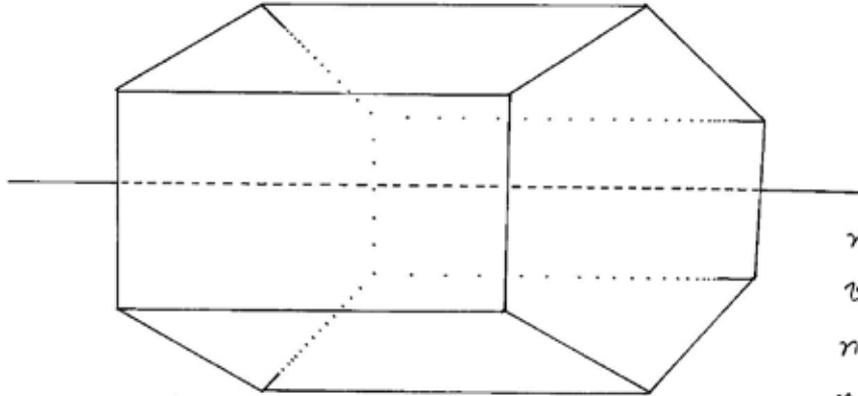
## Contribuições da Matemática Selvagem

Equações imaginativas ordinárias são usadas muito frequentemente para descrever processos nos quais a mudança de uma medida ou dimensão é causada pelo próprio processo. Aplica-se aqui ao estudo-invenção do (in)visível pela sua propriedade quimérica da densidade, quando se faz necessário calcular o índice da refração ocorrida na mudança de um meio visível para o meio (in)visível (mais denso). A mudança no meio é responsável pela refração. A equação imaginativa propõe o cálculo das variações na densidade do (in)visível na medida em que o raio retilíneo do olhar o atravessa. Envolve as derivadas de uma função desconhecida de uma variável. Uma equação imaginativa ordinária simples mostrou-se capaz de resolver o problema da variação da densidade no meio (in)visível:

$$n' = n$$

onde  $n$  é a função desconhecida e  $n'$  é a sua derivada.

Sendo assim,



mudança de meio  
refração

$$\begin{aligned}n' &= n \\v^{(in)} &\subset v \\n' &= v^{(in)} \cdot |x| \\n &= \frac{n}{d}\end{aligned}$$

$$v^{(in)} \cdot |x| = \frac{n}{d}$$

onde

$v$  = visível

$v^{(in)}$  = (in)visível

$|x|$  = distância do eixo do real em direção ao imaginário

$r$  = raio retilíneo do olhar

$d$  = densidade do (in)visível

(des)apontamentos

A fracassada expedição poético-científica (que não houve) tinha como objetivo o registro direto do (in)visível no interior da ordi(n)ária. Entretanto, sua não realização (ou sua realização imaginária) contribuiu para o êxito da identificação das propriedades químéricas do (in)visível. A mudança radical de perspectiva, de horizontal para vertical, e a adoção das aferições da imaginação empírica para testar teorias inventadas, tornaram possíveis o estudo-invenção do (in)visível presente no interior da ordi(n)ária.

Diante destas invenções, reveladas após um processo de (des)conhecer, (re)conhecer e (re)aprender a partir da coisa em si, processo dialético entre a exterioridade concreta e o interior imaginário, as conclusões deste estudo-invenção (des)apontam alguns caminhos:

Não é preciso ter ido para ter vivido.

O fracasso tornou-se narrativa e fez da banalidade da rotina sua própria geografia.

O centro é margem.

Ver na terra um oceano, navegar por rotas asfálticas. Fotografia aérea: um par de asas, astronave. O mundo do alto, perspectiva utópica. Abraçar a rotina, abraçar o banal com olhar científico. Descobrir uma matemática selvagem e preservá-la em sua natureza. Aferir, sentir, elaborar equações que não existem para calcular refrações em prismas newtonianos presentes no (in)visível.

Seguir na incursão diária em outras ordi(*n*)áreas.

## Bibliografia

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**. Campinas (SP): Papyrus, 2004.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Editora G. Gili, 2003.

CARROLL, Lewis. **A caça ao Snark**. Rio de Janeiro: Galera Record, 2017.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. V. 1 Petrópolis: Vozes, 1994.

CONWAN, James. **O sonho do cartógrafo: meditações de Fra Mauro na corte de Veneza do século XVI**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DIAS, Karina. **Entre visão e invisão: paisagem (por uma experiência da paisagem no cotidiano)**. Brasília: Programa de Pós-graduação em Arte, Universidade de Brasília, 2010.

IURI GAGARIN. Verbete. Wikipédia. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Iuri\\_Gagarin](https://pt.wikipedia.org/wiki/Iuri_Gagarin)>. Acesso em: 24 out 2017.

LUCIANO DE SAMÓSATA. Icaromenipo ou um homem acima das nuvens. In.: **Luciano [VII]**. Coleção Autores Gregos e Latinos Série Textos. Coimbra, PT: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013. p. 65-89.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. São Paulo: Perspectiva, 2014.

OLIVA, Jaime Tadeu; FONSECA, Fernanda Padovesi. O “modelo São Paulo”: uma descompactação antiurbanidade na gênese da metrópole. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, Brasil, n. 65, p. 20-56, dez. 2016.

PEIXOTO, Nelson Brissac. **Paisagens urbanas**. São Paulo: Editora SENAC, 1996.

PEREC, Georges. **Especies de espacios**. Barcelona: Montesinos, 2001.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: espaço e tempo: razão e emoção**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

\_\_\_\_\_. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013. (Coleção Milton Santos; 1)

SERRA, Richard. Deslocamento. In.: COTRIM, Cecília, FERREIRA, Glória (orgs.). **Escritos dos Artistas. Anos 60/70**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006. p. 325-329.

SMITHSON, Robert. Um passeio pelos monumentos de Passaic, Nova Jersey. **Rev. Arte&Ensaio**, n. 19, 2009.

TIBERGHIEU, Gilles. Imaginário cartográfico na arte contemporânea: sonhar o mapa nos dias de hoje. **Rev. Inst. Estud. Bras.**, São Paulo, n. 57, p. 233-252, dez. 2013.

## Lista de imagens

- Página 40: CARERI, Francesco. Walkscapes: o caminhar como prática estética. São Paulo: Editora G. Gili, 2003.
- Página 43: SMITHSON, Robert. Mono Lake. Disponível em: <https://br.pinterest.com> >. Acesso em: 19/11/2017
- Página 45: HOLIDAY, Henry. Oceanchart. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lewis\\_Carroll\\_-\\_Henry\\_Holiday\\_-\\_Hunting\\_of\\_the\\_Snark\\_-\\_Plate\\_4.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Lewis_Carroll_-_Henry_Holiday_-_Hunting_of_the_Snark_-_Plate_4.jpg). Acesso em: 19/11/2017
- Página 47: SMITHSON, Robert. MonumentsofPassaic. Disponível em: <http://revistacarbono.com>. Acesso em: 19/11/2017
- SMITHSON, Robert. MonumentsofPassaic: negative map. Disponível em: <https://br.pinterest.com> >. Acesso em: 19/11/2017
- Página 49: REDIN, Mayana. Deserto do Saara encontra Bacia Amazônica (da série Geografia de encontros), 2010-2011. Disponível em: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 19/11/2017
- REDIN, Mayana. Estreito de Gibraltar encontra Istmo do Panamá (da série Geografia de encontros), 2010-2011. Disponível em: <http://gavetadosguardados.blogspot.com.br/2012/10/mayana-redin-8a-bienal-do-mercosul.html>. Acesso em: 19/11/2017
- REDIN, Mayana. Foz do rio Tejo encontra foz do rio Amazonas (da série Geografia de encontros), 2010-2011. Disponível em: <https://br.pinterest.com>. Acesso em: 19/11/2017
- Página 50: Mapa-mundi de Fra Mauro de Veneza, 1495. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Fra\\_Mauro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Fra_Mauro). Acesso em: 27/10/2017